

URBANISMO TÁTICO APLICADO EM UMA “ECOZONA”: Um estudo de caso em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Tactical Urbanism applied to an “Ecozone”:
a case study in Belo Horizonte, Minas Gerais
Urbanismo Táctico aplicado en una “Ecozona”:
un estudio de caso en Belo Horizonte, Minas Gerais

Tiffany Nicoli Faria Latalisa França, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Viçosa, tiffany.franca@ufv.br

Teresa Cristina de Almeida Faria, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Viçosa, teresa.faria@ufv.br

RESUMO

Refletimos acerca da possibilidade de reestruturação do espaço público por meio do Urbanismo Tático, a partir do estudo de caso de uma intervenção intitulada “Ecozona”: uma extensão do espaço útil da Praça Joaquim Ferreira da Luz, no bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil) que ocorreu durante a pandemia de COVID-19 em 2021. O objetivo foi discutir as possibilidades de recuperação do espaço público para o pedestre e o ciclista e avaliar se a intervenção proporcionou maior integração entre cidadãos e poder público. A metodologia utilizada envolveu pesquisa teórica sobre o conceito de Urbanismo Tático e ação empírica dentro dessa abordagem. Realizamos, também, levantamento documental, pesquisa em campo, observação direta, registro fotográfico, e houve participação direta de uma das autoras no processo. Ao final, os resultados apontam que a parceria entre os diferentes atores foi essencial para compatibilizar o projeto e modificar seu resultado de acordo com as demandas cidadãs. E, para o contexto coletivo de construção da “Ecozona”, surgiu a oportunidade também de construção de inteligência coletiva a partir de metodologias colaborativas e da capacitação e integração de atores que tiveram oportunidade de trabalhar juntos em processos participativos de criação, diálogo e empoderamento.

Palavras-chave: Urbanismo Tático, Ecozona, participação popular, moderação de tráfego.

Linha de Investigação:

B2_Os Desafios da Cidade e do Território no Século XXI: B2.3_Governança e participação;

ABSTRACT

We reflect on the possibility of restructuring public space through Tactical Urbanism from the case study of an intervention entitled "Ecozone": an extension of the useful area of Joaquim Ferreira da Luz Square, in the Santa Tereza neighborhood, in Belo Horizonte (Minas Gerais, Brazil) which took place during the COVID-19 pandemic in 2021. The aim was to discuss possibilities of recovering public space for pedestrians and cyclists and assess whether the intervention provided greater integration between citizens and public authorities. The used methodology involved theoretical research on the concept of Tactical Urbanism and practical action within this approach. Also, we did a documentary survey, field research, direct observation, photographic record, and there was direct participation of one of the authors in the process. In the end, the results show that the partnership between the different actors was essential to make the project compatible and modify its result according to citizen demands. And, for the collective context of building the “Ecozone”, there was also the opportunity to build collective intelligence from collaborative methodologies and the training and integration of actors who had the chance to work together in participatory processes of creation, dialogue and empowerment.

Keywords: Tactical Urbanism, Ecozone, popular participation, traffic calming.

Investigation line:

B2_The Challenges of the City and the Territory in the XXI Century – B2.3_Governance and Participation

RESUMEN

Reflexionamos sobre la posibilidad de reestructurar el espacio público a través del Urbanismo Táctico a partir del estudio de caso de una intervención titulada "Ecozona": una ampliación de la Plaza Joaquim Ferreira da Luz, en el barrio de Santa Tereza, en Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil) durante la pandemia de COVID-19 en 2021. El objetivo era discutir las posibilidades de recuperar el espacio público para peatones y ciclistas y evaluar si la intervención proporcionó una mayor integración entre ciudadanos y autoridades públicas. La metodología utilizada implicó la investigación teórica sobre el concepto de Urbanismo Táctico y la acción empírica dentro de este enfoque. También llevamos a cabo levantamiento documental, investigación de campo, observación directa, registro fotográfico, y se contó con la participación directa de una de las autoras. Al final, los resultados muestran que la alianza entre los diferentes actores fue fundamental para compatibilizar el proyecto y modificar su resultado de acuerdo a las demandas ciudadanas. Y, para el contexto colectivo de construcción de la "Ecozona", también se dio la oportunidad de construir inteligencia colectiva a partir de metodologías colaborativas y la integración de actores que tuvieron la oportunidad de trabajar juntos en procesos participativos de creación, diálogo y empoderamiento.

Palabras clave: Urbanismo Táctico, Ecozona, participación popular, pacificación del tránsito.

Línea de Investigación:

B2_Los Retos de la Ciudad y el Territorio en el Siglo XXI – B2.3_Gobernanza y Participación

1. Introdução

Belo Horizonte, desde 2019, vem implementando "Áreas Calmas", principalmente do tipo Zona 30 para priorizar os deslocamentos a pé e por bicicleta, com o intuito de torná-los mais seguros (BHTrans, 2017). Essa mudança de perspectiva acompanha também a revisão mais recente do plano de mobilidade, que possibilitou a ideia de aplicação do Urbanismo Táctico aliada à implementação de medidas de acalmamento de trânsito (Trevisan, 2020).

O termo Urbanismo Táctico (*Tactical Urbanism*) tem sido amplamente disseminado desde o início do século XXI. Esse termo é relativamente novo, sendo sua ascendência atribuída a Mike Lydon, planejador urbano e sócio-fundador do estúdio Street Plans Collaborative, que, juntamente com sua equipe de jovens urbanistas, lançou uma publicação sobre a abordagem em 2011 designando ações norte americanas como táticas: *Tactical Urbanism: Short-term Action, Long-term Change* (Pfeifer, 2013). Segundo os pioneiros do conceito:

O Urbanismo Táctico é uma abordagem para a construção e ativação de bairros usando políticas e intervenções de curto prazo, de baixo custo e de pequena escala. Ele pode ser utilizado por uma variedade de agentes, incluindo governos, empresas e organizações sem fins lucrativos, grupos de cidadãos e indivíduos. Faz uso de processos de desenvolvimento abertos e interativos, do uso eficiente de recursos e do potencial criativo desencadeado pela interação social (Lydon & Garcia, 2015:2).

Para Neil Brenner (2016), é preciso levar em conta que não se trata de um movimento unificado que possa ser caracterizado em sua totalidade, há vários tipos e modos de realizar intervenções táticas, os quais englobam uma gama abrangente de propostas e cuja abordagem passeia pelo experimental. Segundo ele, ações táticas geralmente estão associadas a tentativas de resposta a problemas urgentes do cotidiano e ao vazio institucional governamental, que falhou em entregar bens básicos como habitação, transporte e espaço público às populações.

Brenner (2016) cita, positivamente, as maleabilidades projetual e financeira do Urbanismo Táctico frente às questões formais e burocráticas das propostas convencionais de projeto. Lydon e Garcia (2015) também chamam atenção para o potencial atribuído ao Urbanismo Táctico como uma alternativa ao processo de planejamento, que geralmente é lento e afastado do cidadão. Sophia Benner (2013) reforça as falas dos autores quando destaca que, apesar da informalidade, intervenções urbanas táticas ocorreram ao longo da história por movimentos crescentes de cidadãos agindo por iniciativa própria para resolver problemas urbanos urgentes, relacionados à mudanças na economia, cultura e tecnologia das últimas décadas.

Muitas dessas intervenções se apoiam em parcerias público-privadas, e/ou com profissionais independentes, coletivos, associações, organizações não governamentais e governo. Geralmente, emprega pouca ou nenhuma verba, mas cabe ao poder público a decisão final dos investimentos, pois é ele que possibilita dar escala e continuidade às ações táticas (Lydon & Garcia, 2015).

É visível que o Urbanismo Tático se movimenta entre discursos políticos, ora vindo dos cidadãos, ora dos detentores do poder. Neil Brenner (2016) destaca então a complexidade existente entre as formas de Urbanismo Tático e de Urbanismo Neoliberal e por isso propõe a investigação acerca da possibilidade de o discurso da ação tática reforçar fundamentos neoliberais enquanto pretende combatê-los. Nesse âmbito, o autor aponta que as “lógicas operacionais ou orientações político-normativas” não são suficientes para presumir que as iniciativas táticas combatam a abordagem neoliberal, podendo até mesmo contribuir para reforçá-la.

Os pioneiros do conceito, Lydon & Garcia (2015:10) caracterizam os processos táticos como *bottom-up* (debaixo para cima) e como *top-down* (de cima para baixo), demonstrando que a iniciativa tática pode partir da sociedade civil ou do poder público ou mesmo de ambos. Sobre essa parceria, é preciso dizer que Lydon e Garcia (2015) veem os processos *bottom-up* e *top-down* como um ciclo, em que tanto poder público como sociedade civil devam fazer parte do processo, atuando de forma integrada e complementar, e que a abordagem interdisciplinar entre atores é o ponto chave para levar os benefícios do Urbanismo Tático até lugares que precisam dele (Fig. 1).



Fig. 1: Ciclo do Urbanismo Tático e das relações integradas entre diferentes atores sociais. Fonte: Adaptado de Lydon & Garcia, 2015:11.

Para ilustrar o uso de iniciativas táticas aplicadas à mobilidade e ao espaço público durante o período de pandemia na cidade de Belo Horizonte, apresentamos o caso da implementação de uma intervenção intitulada “Ecozona”, que foi reflexo e evolução dos casos de Zona 30 anteriormente implementados, também a partir da metodologia do Urbanismo Tático.

Diante do exposto, buscamos investigar o potencial do Urbanismo Tático como meio de responder a situações de crise, em especial sob os aspectos da mobilidade urbana e do engajamento civil. Nesse sentido, objetivo principal deste trabalho foi o de discutir se houve ganhos na reativação do espaço público para o pedestre e para o ciclista, e se a intervenção de Urbanismo Tático intitulada “Ecozona” possibilitou maior integração entre cidadãos e poder público, analisando também o papel dos atores nesse processo.

A metodologia utilizada envolveu pesquisa sobre o conceito de Urbanismo Tático em artigos e livros que discutem o tema e ação empírica dentro dessa abordagem, a qual envolveu a construção de uma “Ecozona” a partir da extensão do espaço útil da Praça Joaquim Ferreira da Luz, no bairro Santa Tereza em Belo Horizonte, Minas Gerais. O método também contou com levantamento de arquivos e de documentos oficiais junto à Prefeitura de Belo Horizonte, onde foi analisada principalmente a documentação referente ao Plano de Mobilidade de Belo Horizonte (PlanMob-BH 2030), em sua publicação e revisão mais recente (2017). Além disso, realizou-se pesquisa em campo, observação direta, registro fotográfico, e busca de fotografias

disponíveis em meio digital. Em adição, houve participação direta de uma das autoras no processo de construção da Ecozona, que apresentamos a seguir.

2. “Ecozona”: um estudo de caso

A definição do conceito “Ecozona” (*EcoZone*) é, de acordo com o projeto Urban Pathways (UP): uma abordagem que visa integrar diferentes setores/atividades em um bairro aliando baixo tráfego, baixa emissão e baixa produção de lixo (UP, 2020).

A intervenção piloto, em Belo Horizonte, mesclou conceitos como ‘Zona de Baixa Emissão’ (LEZ) e ‘Lixo Zero’, intencionando se tornar um precedente replicável em outras áreas da cidade. A estratégia dos projetos desenvolvidos pela UP é promover ações locais capazes de gerar mudança de mentalidade acerca de escolhas sobre os modais de transporte e sobre o uso do espaço público. Para isso, os organizadores incluem nos projetos que possuem baixo custo e pequena escala, práticas mais sustentáveis de gestão de resíduos, capacitação de comunidades locais, abordando quando possível, e simultaneamente, a mobilidade ativa e questões de energia e de resíduos por meio de uma série de atividades que incluem urbanismo tático, conscientização, participação cidadã e avaliação de impacto (UP, 2020).

A implementação do primeiro protótipo de Ecozona ocorreu no bairro Santa Tereza (regional Leste de Belo Horizonte – Fig. 2), onde há uma grande presença de restaurantes, bares e centros culturais.

Nos dias 12 a 15 de maio de 2021 sob a iniciativa da Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da BHTrans e em parceria com diversos atores como moradores do bairro, ONGs locais, Instituição de ensino privado, Entidades e parcerias internacionais, assim como voluntários para o mão-na-massa (tab.1) ocorreu a etapa de implementação física.

Organização	Tipo	Papel no processo
BHTrans	Agência municipal	Coordenação geral
Nossa BH	Organização não-governamental (ONG.)	Agência de implementação
Instituto Wuppertal	Instituto de pesquisa alemão	Conselho de Direção – Suporte técnico e coordenação internacional
UN-Habitat	Programa de Assentamentos Humanos das Nações Unidas	Conselho de Direção – Suporte técnico
WRI Brasil	Organização internacional	Conselho de Direção – Suporte técnico
Secretaria da Regional Leste	Agência municipal	Suporte para planejamento da intervenção e implementação da mesma
Superintendência de Limpeza Urbana (SLU)	Agência municipal	Apoio na conscientização e em atividades relacionadas à gestão de resíduos
GT Pedala BH	Conselho consultivo	Aconselhamento sobre mobilidade ativa
BH em Ciclo	Associação de ciclistas	Aconselhamento sobre mobilidade ativa
Associação de bairro	Sociedade civil	Participação da comunidade e formação de demandas para o novo desenho urbano

Tab.1: Atores sociais e seus papéis no processo de implementação da Ecozona Santa Tereza. Fonte: Acervo BHTRANS.

As equipes do UP e da WRI Brasil, financiadores do projeto, iniciaram as discussões com a BHTrans em março de 2020 para planejar a implementação dessa que seria a primeira intervenção do tipo Ecozona na cidade. O plano original era o de realizar uma intervenção temporária nos arredores de duas escolas do bairro, replicando a abordagem das Zonas 30. Porém, com o fechamento das escolas devido à pandemia, decidiu-se mudar a abordagem para implementar a promoção de medidas de mobilidade ativa no entorno de uma importante praça do bairro. A intervenção no entorno de escolas acabou sendo postergada para uma segunda fase de implementação que complementará a Ecozona executada na rua lateral à Praça Joaquim Ferreira da Luz (Fig. 3 e Fig. 4) e arredores.

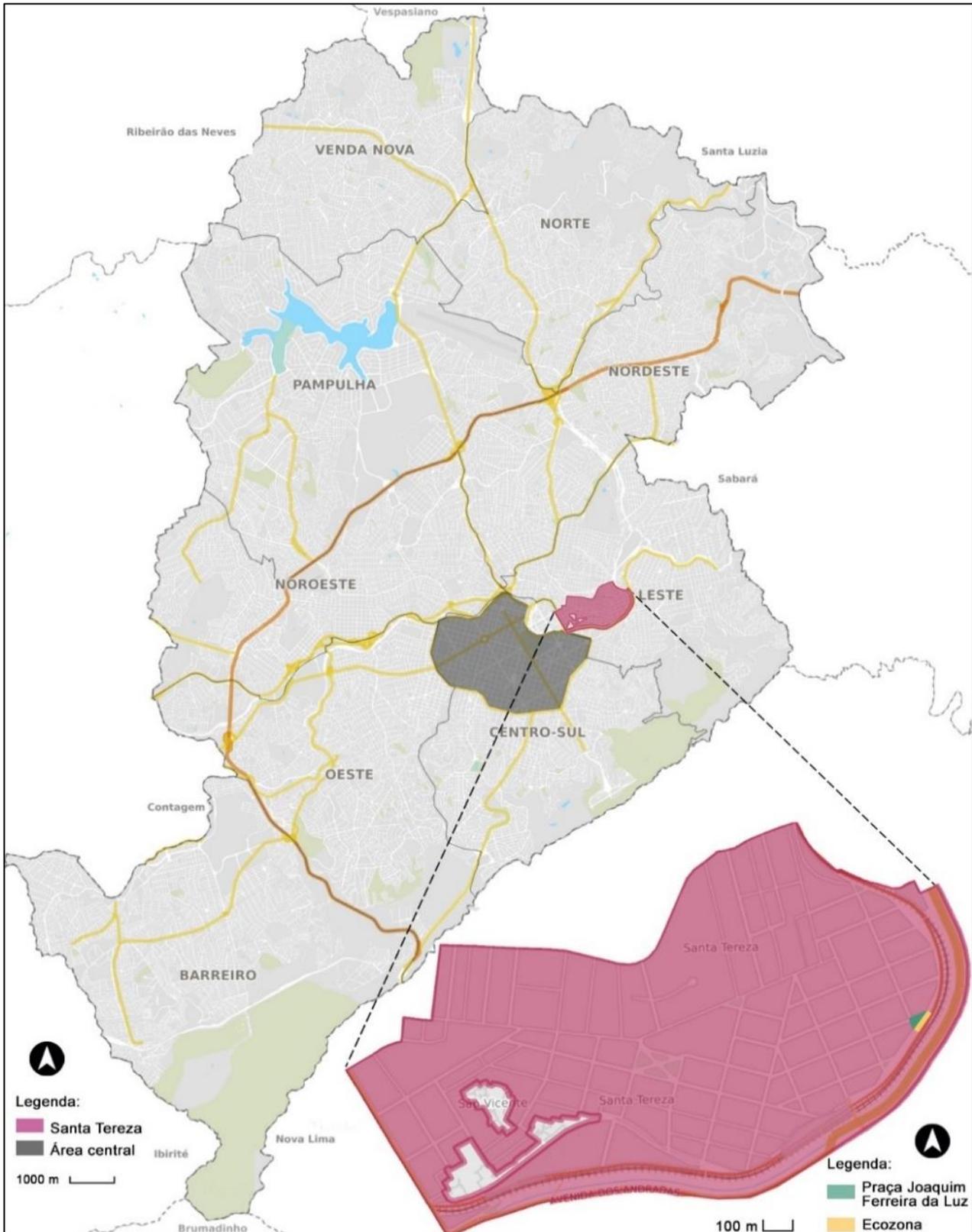


Fig. 2: Localização do bairro Santa Tereza em relação à área central de Belo Horizonte e posição da Ecozona em relação a este bairro. Fonte: Elaboração própria com base em PBH, 2021.



Fig. 3: Área destinada à implementação da Ecozona antes da implementação do projeto.
 Fonte: Acervo BHTRANS.



Fig. 4: Local escolhido para implementação da Ecozona.
 Fonte: Elaboração própria com base em parceria voluntária com a empresa Metrics Mobilidade.

Sob esse âmbito, considerando que a ampliação da infraestrutura para ciclistas e pedestres era fundamental para reduzir os riscos de infecção por COVID-19, a proposta de Ecozona incluiu também a introdução de uma ciclofaixa de aproximadamente 1,1km, conectando a malha cicloviária pré-existente na Avenida dos Andradas, às ruas próximas da praça escolhida para intervenção, que foram transformadas em ciclorrotas (Fig. 5, Fig. 6 e Fig. 7). Essa decisão foi uma forma de facilitar a chegada até o local da intervenção, passando por um viaduto e permitindo um acesso mais seguro para os deslocamentos feitos por bicicleta. A configuração final não foi temporária, mas permanente, com recursos de infraestrutura necessários para atender as demandas dos moradores e para trazer segurança durante a situação de crise.

Por meio de um processo participativo e colaborativo de decisão, os moradores das proximidades do Bairro Santa Tereza em Belo Horizonte foram capazes de opinar e de atuar ativamente na reconfiguração espacial da Praça Joaquim Ferreira da Luz, de modo a colocar vizinhos, comerciantes e frequentadores do local em contato e empoderá-los a partir de encontros online, frente às decisões tomadas em diálogo com o poder público, ONGs e entidades parceiras e instituições financiadoras.

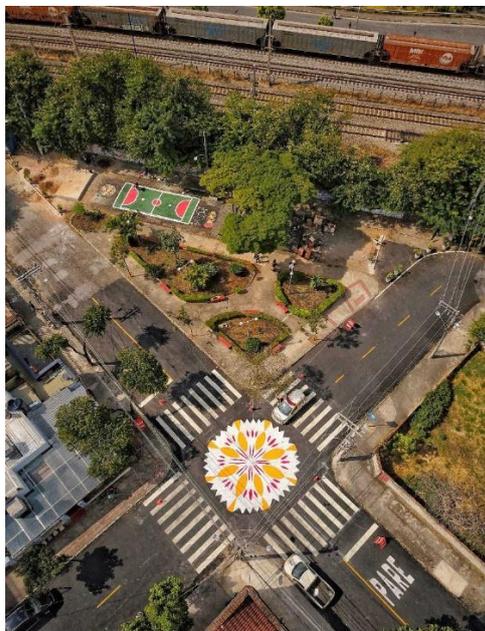


Fig. 5: Vista aérea com entorno da Praça Joaquim Ferreira da Luz após a implementação da Ecozona.
 Fonte: Octopus Filmes.



Fig. 6: Ciclofaixa sob viaduto que conecta a malha cicloviária pré-existente na Avenida dos Andradas ao bairro Santa Teresa e facilita o acesso até a praça Joaquim Ferreira da Luz.
 Fonte: Octopus Filmes.



Fig. 7: Projeto total incluindo a ciclofaixa sob viaduto que conecta a Avenida dos Andradas ao Bairro Santa Tereza e a conexão feita por meio de ciclorrota até a praça Joaquim Ferreira da Luz. Fonte: Elaboração própria com base em parceria voluntária com a empresa Metrics Mobilidade.

Uma das fases do projeto de implementação de Ecozona, que envolveu a participação da sociedade civil, moradores e frequentadores da praça Joaquim Ferreira da Luz, foi a etapa de reuniões com a comunidade, contando com três encontros online abertos, com presença de 15, 26 e 32 participantes, respectivamente, para sugestão de ideias e desejos para o novo espaço. A primeira reunião foi essencialmente para apresentar a proposta de intervenção à comunidade, comunicar o local escolhido para acolher a intervenção, ouvir a opinião dos indivíduos sobre a escolha desse lugar e levantar informações sobre demanda. Na segunda reunião já foi possível apresentar um desenho urbano preliminar (Fig. 8) contendo alguns dos elementos levantados na primeira discussão. A partir da metodologia de *World Café*, promoveu-se um processo participativo e diverso (Fig. 9), o qual trouxe discussões e elucidou complexidades sobre a proposta de intervenção. Durante essa segunda reunião, foram geradas três mesas/salas de discussão na plataforma online google meet, em que os participantes conversaram, fizeram proposições sobre as imagens e colocaram seus olhares acerca do novo desenho urbano sugerido para a praça.

Com o avanço e reformulação da proposta e a formação de novas parcerias, foi possível apresentar na terceira reunião online um desenho urbano que trazia um cenário compatível e mais realista entre as demandas e as necessidades levantadas por parte da sociedade civil, limitações impostas de baixo orçamento e possibilidades de projeto (Fig. 10).



Fig. 8: Estudo preliminar apresentado durante a 2ª reunião com a comunidade. Fonte: Elaboração própria com base em parceria voluntária com a empresa Metrics Mobilidade.



Fig. 9: Print de uma das "mesas" / quadro de demandas elaborados durante o Word Café. Fonte: Acervo da autora.



Fig. 10: Proposta final para a Ecozona apresentado durante a 3ª reunião com a comunidade. Fonte: Elaboração própria com base em parceria voluntária com a empresa Metrics Mobilidade.

Nesta última reunião aconteceu ainda a consolidação da parceria com o Fab Lab Newton (laboratório de fabricação digital da Newton - Centro Universitário Newton Paiva) e o Escritório Escola Studio N (também da Newton), que fizeram a apresentação do mobiliário feito em taipa de pilão.

Por fim, a proposta final de revitalização do entorno da praça Joaquim Ferreira da Luz, incluiu não só a sinalização viária do entorno com uma rede de mobilidade ativa, como também a criação de uma extensão da praça com a utilização desse mobiliário.

A oportunidade de feitura em loco do mobiliário de solo-cimento na presença de voluntários, possibilitou que fossem sugeridos posicionamentos para os bancos e mesas de acordo com o desejo da comunidade e em locais de sombra. Devido à situação de pandemia e ao perigo de contágio e aglomerações, a etapa de implementação da Ecozona não contou com a participação dos moradores do bairro durante os dias de ação mão-na-massa e não pôde ser feita a divulgação da chamada pelo site do poder público ou redes sociais. Entretanto, compareceram alguns arquitetos, técnicos do poder público e alunos de cursos de arquitetura que se voluntariaram a ajudar na pintura e feitura do espaço. Essa etapa proporcionou entender o processo que envolve a elaboração do mobiliário, desde a fabricação das formas, seus encaixes, seu uso e reutilização, preparo e peneiramento da terra, os traços da massa, emprego da técnica da taipa-de-pilão e tempo de cura, promovendo intenso aprendizado e possibilidade de integração entre esses voluntários e corpo técnico (Fig. 11, Fig. 12, Fig. 13, Fig. 14, Fig. 15 e Fig. 16).



Fig. 11: Peneiramento da terra e preparo da massa
Fonte: Acervo da autora. Maio 2021.



Fig. 12: Traços da massa solo-cimento
Fonte: Acervo da autora. Maio 2021.



Fig. 13: Aspecto das fôrmas de banco e mesa
Fonte: Acervo da autora. Maio 2021.



Fig. 14: Moldagem da massa em fôrma
Fonte: Acervo da autora. Maio 2021.



Fig. 15: Prensagem manual da massa em fôrma
Fonte: Acervo da autora. Maio 2021.



Fig. 16: Desenforme da massa solo-cimento
Fonte: Acervo da autora. Maio 2021.

O poder público adicionou também vasos de plantas feitos de cimento, para possibilitar tanto o fechamento da praça para carros, quanto um local mais atrativo à permanência para os pedestres. Também foram incorporados ao projeto, pinturas lúdicas no chão, uma pequena quadra e um palco para eventos (Fig. 17, Fig. 18). Ainda, acerca de mudanças físicas e adaptações, em uma segunda fase de implementação foram incorporados uma porção de piso emborrachado e um brinquedo infantil, já previstos no projeto final apresentado à comunidade durante a terceira reunião online e, também, um conjunto de paraciclos que foram instalados atrás do palco (Fig. 19, Fig. 20).



Fig. 17: Aspecto final da Ecozona após fase efêmera: mobiliário para descanso fabricados a partir da taipa-de-pilão e palco ao fundo. Fonte: Acervo da autora. Maio 2021.



Fig. 18: Aspecto final da Ecozona após fase efêmera: pinturas lúdicas. Fonte: Acervo da autora. Maio 2021.



Fig. 19: Instalação de piso emborrachado e brinquedo infantil em agosto de 2021. Fonte: Foto por Janaína Dias Amorim.



Fig. 20: Instalação de paraciclos em setembro de 2021. Fonte: Foto por Eveline Trevisan.



Fig. 21: Novos usos após a implementação da Ecozona em junho de 2021. Fonte: Foto por Eveline Trevisan.



Fig. 22: Apropriação do novo espaço após a implementação da Ecozona em junho de 2021. Fonte: Foto por Eveline Trevisan.

As transformações espaciais geradas pela Ecozona e implementadas até o momento parecem ter sido bem recebidas pelos moradores do bairro e foram capazes de estimular novos usos e novas interações (Fig. 21 e Fig. 22). Há também um legado imaterial para esse novo espaço, que foi convertido em extensão da praça, que é a mudança de significado proporcionada a partir de uma conexão reestabelecida ou mesmo fortalecida entre os moradores e a praça. A intervenção colaborou em transformar a antiga praça em um espaço público

mais atrativo, não novo, mas melhorado a partir de seu significado para a comunidade. Nesse caso, cabe citar Neil Brenner (2016), que diz que a intervenção tática pode funcionar como ferramenta de capacitação para os usuários do espaço da cidade, “permitindo-lhes ocupar, apropriar-se dele, continuamente transformando-o, e, assim, produzir uma cidade diferente da que qualquer um poderia ter programado antecipadamente” (p.18).

A fim de estruturar a análise da Ecozona como intervenção tática e de seu impacto, utilizamos as características definidas por Sansão Fontes: **pequena, transitória, particular, subversiva, interativa, ativa, participativa, relacional** (Sansão-Fontes, 2012), como forma de representação. A metodologia utilizada para avaliação das intensidades dessas dimensões estrutura-se na participação voluntária de uma das autoras durante a construção da Ecozona. Construímos então, a partir do trabalho de mapeamento e análise das intervenções temporárias desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro pelo LabIT¹, e também sob o âmbito da mesma metodologia de análise utilizada por eles, um diagrama composto por três octógonos concêntricos (Fig. 23), cuja leitura se dá do centro para as extremidades (LabIT, 2015) e que colabora para a reflexão de parâmetros da Ecozona, a saber: (i) ter pequena escala; (ii) ter natureza transitória; (iii) ser particular a determinado contexto; (iv) subverter algum uso ou convenção; (v) buscar a interação relação usuário – lugar e usuário – morador/descobertas; (vi) ativar o espaço público; (vii) ter natureza participativa e; (viii) incentivar as relações sociais, a intimidade entre desconhecidos (Sansão-Fontes, 2012; Sansão-Fontes, 2018).

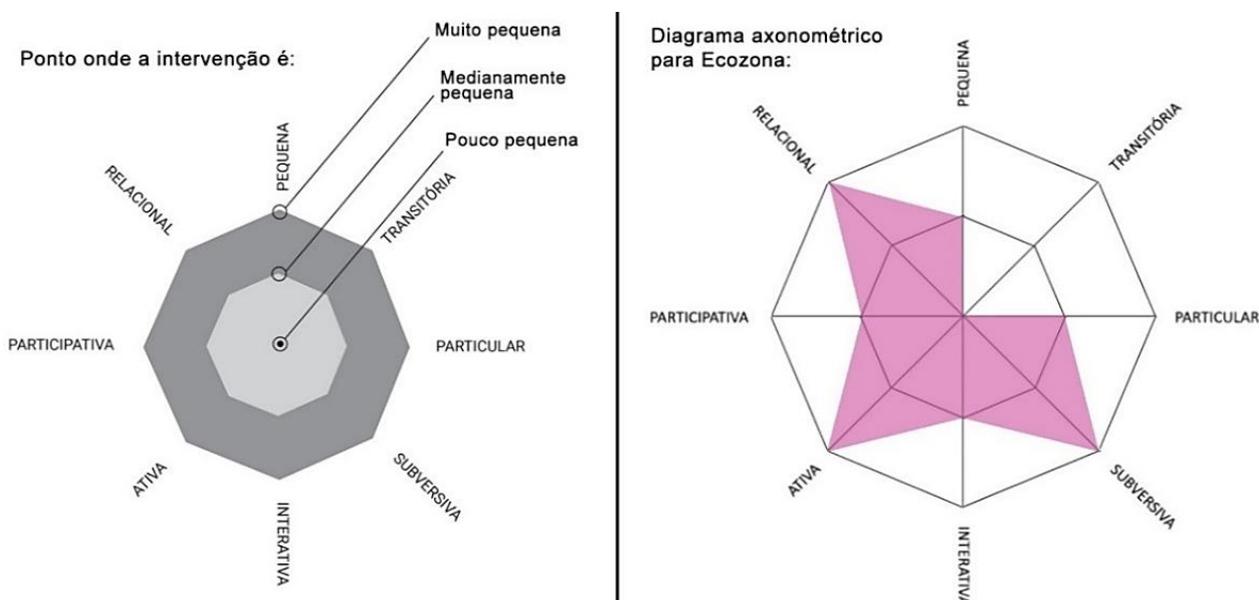


Fig. 23: À esquerda exemplo de leitura do diagrama e à direita a representação de um diagrama axonométrico para estudo das características da Ecozona. Fonte: Elaboração própria com base em LABIT, 2015.

Explicando cada uma das arestas e sua força para formulação do desenho do diagrama axonométrico da Ecozona, tem-se uma intervenção medianamente **pequena**, que converteu parte do eixo viário em maior área útil de praça. O fato dessa extensão ter transformado um lugar que era totalmente dominado por carros e que servia, principalmente, de estacionamento, em um local agora exclusivo para pedestres, encontra a dimensão **subversiva** a partir da mudança radical de uso, agora como espaço público que serve a um bem maior. A dimensão **ativa** surge da própria movimentação que acarretou a mudança de desenho urbano e que trouxe novas possibilidades de uso. A Ecozona dialoga com a dimensão **relacional** quando permite interações diversas e de diferentes intensidades entre atores: associação de bairro, diferentes entidades de sociedade civil organizada de Belo Horizonte, poder público, empresa privada contratada, instituição de ensino, além das ONGs internacionais que foram as financiadoras. A dimensão **particular** é alcançada por meio da relação lugar-intervenção, a praça Joaquim Ferreira da Luz é um espaço singular para o bairro, carregado de valor afetivo para os moradores, e isso pôde ser percebido a partir das reuniões online com a comunidade, que manifestou seu afeto em relação àquele espaço, às características culturais e históricas, ao comércio familiar estabelecido no entorno da praça, à tradição de ir até o portão da divisa com o eixo ferroviário para “ver o trem passar”. A intervenção foi também **participativa**, apesar da situação de isolamento física necessária

¹ O LabIT (Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático) é um laboratório de pesquisa desenvolvido dentro do PROURB-FAU/UFRJ e dedica-se ao estudo das intervenções temporárias e do urbanismo tático como formas de transformação positiva da cidade do Rio de Janeiro.

durante o período pandêmico, associando possibilidade de orçamento às demandas levantadas durante as reuniões online com os moradores da região que opinaram e fizeram mudanças de desenho urbano. Ainda, apesar da dimensão **interativa** ter também ficado fragilizada devido ao contexto de pandemia e à impossibilidade de um maior número de usuários poderem participar da construção, o método pelo qual foi construído o mobiliário exigiu um esforço conjunto e de iniciativa “faça-você-mesmo”, em que os voluntários participantes tomaram conhecimento da técnica, do processo de trabalho e de material não convencionais, solo-cimento e taipa-de-pilão. Esse conhecimento adquirido e a disponibilidade do uso de formas e apoio técnico oferecidos a partir do Fab Lab Newton, proporcionaram que esse aprendizado possa ser replicado e estendido a outros lugares. Por fim, a Ecozona foi uma intervenção temporária implementada como permanente no espaço público, e por isso não possuiu caráter **transitório**.

3. Considerações finais

Ainda não é possível dizer se a Ecozona faz parte de um plano maior para a cidade, ou se foi implementada apenas como medida emergencial frente à necessidade de aumentar a oferta de espaços públicos durante a pandemia. Questionamos, por isso, se a ferramenta do Urbanismo Tático estaria realmente sendo usada como forma metodológica de validação para o desenho urbano e ajustes futuros (Sansão-Fontes, 2021), ou apenas como solução mais barata aos cofres públicos. À medida que o poder público terceiriza o custo da produção do espaço público, talvez cada vez mais esteja se aproximando de uma lógica neoliberal, em que o Estado se ausenta da responsabilidade sobre o espaço público urbano. Cabe citar aqui a relação conflituosa entre as formas de urbanismo tático e neoliberal destacada por Brenner (2016) onde a relação entre as duas instâncias é complexa e confusa. O Urbanismo Tático pode até envolver algum tipo de desafio à política urbana fundamentalista de mercado, mas na maioria dos cenários possíveis, não chega a atacar de fato o urbanismo neoliberal, afastando assim a possibilidade de políticas progressistas e formas de governo mais colaborativa, defendidas durante o discurso dos atores envolvidos na proposta.

Cabe aqui uma crítica ao processo de Urbanismo Tático descrito, que ainda precisa aprimorar processos participativos e inserir a sociedade civil desde o início e até as fases posteriores à efêmera, talvez com partilha da responsabilidade acerca da manutenção da intervenção com os representantes da sociedade civil. Ainda que o projeto urbanístico tenha chegado à comunidade um pouco pronto e com o local de intervenção previamente escolhido pelo poder público, os moradores muitas vezes opinaram e exerceram seu poder como agentes transformadores do espaço, colocando seus desejos e duvidando de soluções pré-concebidas.

Desafios para esse trabalho foram a falta de transparência de informações nos sites do poder público e de parceiros envolvidos, acesso limitado a dados e a estudos de impacto, e também a informações que apontassem para um plano de trabalho estruturado em escala municipal. Tão pouco a abordagem tática foi entendida como verdadeira política pública para a cidade pois, apesar de os recursos de acalmamento de trânsito terem sido incluídos nas ações de planejamento para a mobilidade a partir do PlanMob-BH 2030 e a ferramenta do Urbanismo Tático, mesmo empregada com certa constância, ainda não foi instituída como possível forma de implementação e de replicabilidade de ações. Uma grande incógnita é em relação à real atuação e grau de envolvimento das instituições de bairro, ONGs e coletivos da própria cidade nos processos, sendo essas instituições locais apenas citadas por parceiros financiadores e pelo poder público. O papel dos atores envolvidos para a conservação do lugar também não é claro, já que não encontramos informações acerca da responsabilidade dos parceiros pós implementação.

Ademais, é preciso destacar a oportunidade de construção de inteligência coletiva a partir de métodos construtivos e metodologias colaborativas e da capacitação e integração de atores que tiveram oportunidade de trabalhar juntos em processos participativos de criação e de empoderamento. Além disso, o fato de intervenções temporárias de Urbanismo Tático estarem sendo experiências de reconquista de espaços públicos para as pessoas já é um ganho considerável pois, acontecendo na prática, ações como essa podem servir como formas reais, estruturas construídas, passíveis de reflexão sobre para quem são construídos os lugares, o que são espaços públicos de qualidade, qual é o espaço do automóvel, do pedestre e do ciclista na cidade.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado de Tiffany Nicoli Faria Latalisa França (Proc. Nr. 88887.489488/2020-00).

Referências

- Benner, S. M. (2013). Tactical Urbanism : From Civil Disobedience to Civic Improvement APPROVED BY SUPERVISING COMMITTEE : *The University of Texas at Austin*, 12, 1–63.
- BHTrans. (2017). *Plano Diretor de Mobilidade Urbana de Belo Horizonte - PlanMob-BH - Relatório Síntese*. <https://prefeitura.pbh.gov.br/bhtrans/informacoes/planmob-bh/documentos>
- Brenner, N. (2016). Seria o “urbanismo tático” uma alternativa ao urbanismo neoliberal? *E-Metropolis - Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais*, 27, 6–18.
- LabIT. (2015). *LabIT – Intervenções Temporárias no Rio de Janeiro*. PROURB. <https://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>
- Lydon, M., & Garcia, A. (2015). *Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change*. Island Press.
- PBH. (2021). BH MAPS. *Prefeitura de Belo Horizonte*. <http://bhmap.pbh.gov.br>
- Pfeifer, L. (2013). *The Planner’s Guide to Tactical Urbanism*. 65.
- Sansão-Fontes, A. (2012). Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. *Arquitetura Revista*, 8(1), 31–48. <https://doi.org/10.4013/arq.2012.81.05>
- Sansão-Fontes, A. (2018). Urbanismo tático para requalificação gradual do espaço público metropolitano: O caso do Park(ing) Day no Rio de Janeiro. *Arquitetura Revista*, 14(1), 91–104. <https://doi.org/10.4013/arq.2018.141.09>
- Sansão-Fontes, A. (2021). We protect Schools: Tactical urbanism actions in the school surroundings of Barcelona, Spain. *Revista de Gestao Ambiental e Sustentabilidade*, 10(1), 1–21. <https://doi.org/10.5585/geas.v10i1.19164>
- Trevisan, E. P. (2020). RUAS DE ESTAR : Projetos de Zona 30 em Belo Horizonte. *XIISIIU*.
- UP. (2020). *URBAN PATHWAYS Demonstration actions & Living Labs* (O. Lah, L. Graaf, R. M. Munoz, S. Shestha, S. Holzwarth, A. M. Silva, H. Diab, E. Teko, J. Galuszka, & A. Mejia (eds.)). https://www.urban-pathways.org/uploads/4/8/9/5/48950199/up_report.pdf